

Juros e câmbio são as ameaças

Alguns ventos e trovoadas externas podem de alguma forma prejudicar o tão alardeado crescimento econômico do Brasil em 2004. O que mais se comenta é sobre um aumento da taxa de juros dos Estados Unidos, que poderia fazer o dinheiro que este ano tanto irrigou as economias emergentes mudarem de rota rumo aos títulos americanos. Isso é um risco especialmente para o Brasil, que tem no ano que vem um cronograma mais pesado de dívidas vencendo.

Para dar uma injeção de estímulo à economia americana que há algum tempo vem rasteando, o Banco Central dos Estados Unidos cortou a taxa de juros várias vezes nos últimos anos. Para se ter uma idéia da dimensão desses cortes, os juros caíram de 6,5% ao ano em novembro de 2000 para 1% ao ano atualmente, o menor patamar dos últimos 40 anos.

Há um consenso entre os economistas de que a partir de agora o Federal Reserve (Fed, banco

central americano) deve começar a subir os juros para que a retomada da economia não venha acompanhada do fantasma da inflação. Esses mesmos profissionais, no entanto, acreditam que a subida dos juros só deve acontecer mais para o fim de 2004 e, o mais importante, é que o aumento não será suficiente para chamar de volta para os títulos americanos o dinheiro que hoje está em terras mais arriscadas, como o Brasil.

Pelas estimativas do economista da consultoria LCA, Carlos Urso, no segundo trimestre de 2004 o Fed deve subir os juros de 1% para 1,25% ao ano e mais 0,25 ponto percentual no último trimestre, quando a taxa deve fechar o ano em 1,5%. "Esse aumento dos juros não é nada que possa reverter a abundância de recursos para o Brasil", disse Urso.

Na visão do diretor do banco Itaú e ex-diretor do Banco Central, Sérgio Werlang, esse aumento é até positivo para o

Edson Gês 9.3.99



WERLANG, DO ITAÚ: RISCO COM INFLAÇÃO NA CHINA

mundo. "É um aumento pequeno e vai acontecer por um excelente motivo, que é o crescimento dos Estados Unidos", afirma Werlang.

Assim como os juros, a desva-

lorização do dólar frente ao euro pode ser uma ameaça para o Brasil, dependendo da intensidade desse movimento. Com a desvalorização da moeda americana, por tabela o real também fica desvalorizado frente ao euro, ponto a favor das exportações brasileiras para a Europa.

No entanto, uma desvalorização muito acentuada do dólar torna os produtos americanos bem mais competitivos comparados com os produtos japoneses e europeus, com-

prometendo o crescimento dessas duas regiões que dependem muito de exportação, ponto contra para o mundo inteiro.

Sem contar que uma desvalorização mais forte do dólar teria

impacto direto na inflação americana. Como consequência, poderá haver um aumento mais salgado dos juros dos Estados Unidos. "Essa é a principal ameaça para o crescimento mundial que está se delineando para 2004", diz o economista-chefe do Citibank, Carlos Kawall.

A outra possível pedra no sapato da onda de crescimento, especialmente o brasileiro, é a China. Werlang, do Itaú, lembra que a China já mostra os primeiros sinais de inflação. Nos últimos 12 meses, o custo de vida do chinês subiu 3%, o nível mais alto desde maio de 1997. "O grande risco é o governo chinês apertar o cinto da política monetária para arrefecer a inflação, o que significaria um crescimento mais modesto do país", diz Werlang. Isso acertaria em cheio a economia brasileira, uma vez que a China é o segundo maior comprador dos produtos brasileiros, representando 6,6% do total das exportações do Brasil, atrás apenas dos Estados Unidos. (DC)